

ENTREVISTA DO PROFESSOR DINO PRETI*

À LINHA D'ÁGUA

Linha d'Água (L.D.) — *Como se coloca o ensino de gramática no ensino fundamental e médio? Dada a interface "texto" e "gramática", qual a abordagem mais adequada para se enfrentarem as questões que daí decorrem?*

Dino Preti (D.P.) — A prática tem demonstrado que o estudo do texto deve ser privilegiado, porque dele decorrem todos os problemas gramaticais e também estilísticos. Textos em linguagem culta ou em linguagem popular, orais ou escritos são as fontes de todas as variações lingüísticas que a Escola deve estudar. Mas, por outro lado, é preciso lembrar que o ensino "desorganizado" da gramática, transformado em "comentários gramaticais" do texto, também não tem favorecido um bom aprendizado das regras básicas, principalmente em nível da escrita. Será preciso encontrar textos que sejam adequados a comentários gramaticais que permitam ao final uma recomposição dos principais empregos trazidos pela gramática culta. Digo *gramática culta*, porque ninguém vai ensinar a gramática da língua popular ou dar lições de como se deve falar, mesmo porque as *situações de comunicação* são inúmeras e o aluno já sabe falar quando entra na escola. Agora, é preciso considerar também que o texto não deve servir apenas para dar lições de gramática, de vez que o essencial é que contenha lições de vida. Penso, ainda, que todo o ensino deve voltar-se para dar ao aluno uma *competência comunicativa* falada e escrita, e essa competência não se adquire estudando apenas regras e exceções, questiúnculas da gramática da língua culta. Na escola, pela variação de atividades (leituras, debates, entrevistas simuladas, redações, concursos de contos, discussão de jornais etc.) o aluno poderá ter uma amplitude de meios para aprender a língua escrita e desenvolver também a sua oralidade.

L.D. — *Como o senhor vê a atuação das universidades no que se refere ao ensino? Elas poderiam mudar as condições do ensino fundamental e médio no Brasil, melhorando sua qualidade? Quais seriam suas propostas nessa direção?*

D.P. — A presença da universidade, dos seus níveis de excelência, no ensino secundário vem-se tornando cada vez mais distante. Infelizmente, os docentes têm

* Prof. Titular da Área de Filologia e Língua Portuguesa da FFLCH-USP e Prof. da PUC/SP.

até vergonha, nas faculdades de Filosofia, de falar que estão formando professores secundários, tal o nível de desmoralização a que chegou essa profissão. Hoje, quase só se fala em pesquisa, em pós-graduação, como se todos os alunos universitários tivessem condições de ser pesquisadores. Ou como se a pesquisa, no Brasil, chegasse a ser mesmo uma profissão. Defendo um ensino universitário voltado prioritariamente para a formação do professor secundário, tendo em vista a própria realidade brasileira dos nossos cursos médios. É claro que a pesquisa, a investigação científica, a discussão de teorias em alto nível faz parte dessa formação. Mas não pode sobrepor-se aos interesses de um ensino voltado para dar ao professor, uma vez diplomado, condições de lecionar para seus alunos, sem ter de tornar-se um mero repetidor de livros didáticos (quase sempre lamentáveis). Acho, também, que toda nova tecnologia que está entrando na escola deve ser associada a um trabalho eficiente do professor. No caso de língua portuguesa, o trabalho com a variedade de textos, o hábito da leitura, o treinamento oral (mas não oratório, claro!), a interação social pela linguagem são pontos básicos dessa formação. Condeno com veemência a correção de textos, as questões inúteis impertinentes e abusivas, tendo em vista as regras prescritivas da gramática tradicional, a ação dos gramaticóides que fazem do ensino da língua fonte de suas poludas rendas pelos meios de comunicação e pela Internet. Uma filosofia da *competência comunicativa* deve ser a lição da universidade para a escola secundária.

L.D. — *Em relação ao ensino da língua materna, tem havido um diálogo efetivo entre as pesquisas desenvolvidas pela academia e a rede pública de ensino fundamental e médio?*

D.P. — De forma alguma. Há uma separação muito grande que passa, principalmente, pela falta de um diálogo em que se coloque em discussão o que se pretende com um curso universitário de Letras. É preciso que os professores da universidade se rendam à evidência de que um aluno se forma com o claro objetivo de conseguir um profissão, dar aulas para a sua sobrevivência e, para isso, precisa de uma formação mínima que lhe permita ensinar o fundamental para um aluno de nível médio. Os que vão para a pós-graduação, para a pesquisa ou para o ensino universitário constituem uma minoria privilegiada social e culturalmente. Não se pode fazer um ensino universitário pensando nessa minoria, muito embora, reconheço, possa ser mais agradável aos professores da academia.

L.D. — *É possível falar em uma identidade dos cursos de Letras ministrados nacionalmente?*

D.P. — Não. O Brasil possui áreas culturais muito diversificadas em sua geografia. Há universidades privilegiadas, porque se situam em Estados mais progressistas e o ensino visa também a grupos sociais privilegiados, como no caso de São Paulo, onde três grandes universidades oficiais dominam o campo do saber, ao lado de uma entidade particular, como a PUC/SP, cujo nível dos cursos compete com o ensino público. Em compensação, há áreas culturais em que o ensino universitário está na mão do empresariado ou de prefeituras deficitárias e a "produção" de diplomas visa a interesses bem diferentes, tanto da parte da universidade quanto da parte do alunato.

L.D. — *O senhor vê de forma otimista o aproveitamento de novas tecnologias, por exemplo, o computador, na sala de aula? De que forma ele poderia estimular o ensino e aprendizado da língua materna?*

D.P. — Bem, não adianta, hoje, ser otimista ou pessimista, ser a favor ou contra a tecnologia avançada, como o computador e, principalmente, a possibilidade da Internet. É preciso apenas pensar em que esses meios sejam bem usados, para que não desvirtuem suas finalidades melhores. É claro que a Internet é, hoje, uma necessidade para qualquer escola de nível médio. Mas também é preciso pensar que ela pode ser utilizada com fins bem diferentes dos educativos, como, por exemplo, para estimular o consumismo, para desrespeitar os direitos autorais, para superficializar as pesquisas etc. Mas a realidade aí está e esperamos que os professores se atualizem para saber aplicá-la em benefício do ensino. Hoje, já se tornou um lugar-comum dizer-se que os alunos entendem mais de computação de que seus professores, o que é mais uma deficiência a ser somada às muitas que os professores trazem de sua formação.

L.D. — *Alguns pesquisadores defendem a norma culta padrão, já outros insistem no respeito ao registro (popular) do aluno. Do seu ponto de vista, como a Escola deve trabalhar essa questão?*

D.P. — A proposta da Escola deve ser o ensino da norma culta. Nem poderia deixar de ser, mesmo porque os livros científicos de todas as áreas seguem essa norma. Além disso, é a linguagem dos meios de comunicação, das leis, da política, da economia, da arte em geral etc. Há uma associação evidente entre norma culta e progresso, meios culturais, linguagem da civilização. Agora, a idéia central é estudar na escola o fenômeno da variação linguística. Isto é, deve-se pensar na *competência comunicativa* do aluno, na maneira de fazê-lo distinguir a linguagem adequada a cada situação de comunicação. Essa linguagem, em certos casos, pode ser a

popular. A gíria, com seu valor expressivo, pode ser, em determinados contextos, o melhor vocabulário.

L.D. — *O que o senhor pensa sobre o livro didático?*

D.P. — Seria preciso que os professores universitários, com boa formação lingüística, também se encaregassem desse trabalho. Para se evitarem vários males: em primeiro lugar, os compêndios copiados uns dos outros, com antologias deficientíssimas e com ensinamentos baseados num prescritivismo obsoleto; em segundo, as apostilas feitas nas escolas, nem sempre com intenções realmente educativas, mal elaboradas, sem ilustrações, sem recursos gráficos adequados e, não raro, copiadas dos livros didáticos; em terceiro lugar, o livro produto do "português da mídia", integrante do *marketing* da TV, do jornal, mas também do *cd-rom* e da Internet, preso quase sempre às questiúnculas da gramática culta (isso se pode ou não se pode usar), em que as variantes lingüísticas de menor prestígio social são sempre condenadas e vistas como erros imperdoáveis.

L.D. — *Conte-nos alguns de seus projetos desenvolvidos recentemente.*

D.P. — Concluí um projeto sobre linguagens dos "idosos velhos" (acima de 80 anos), que resultou num livro (*A linguagem dos idosos*. São Paulo: Contexto, 1994), com base em teorias sociolingüísticas e da Análise da Conversação, procurando mostrar as pressões sociais que atuam sobre os hábitos lingüísticos dos idosos. Bem recebido pela crítica, é pouco conhecido pelo público, talvez em virtude da péssima distribuição editorial. Agora, estou empenhado em dois outros projetos. Um sobre a gíria do Brasil, que deverá ser concluído até meados do próximo ano e outro sobre o que chamei de "Análise da Conversação Literária", que é uma continuação de minha pesquisa que redundou na obra *Sociolingüística – os níveis de fala*, hoje já em oitava edição. Trata-se de uma pesquisa sobre o diálogo literário, considerados os problemas de interação verbal, na conversação.

Artigos